

por José Francisco da Costa(1)

Tive meu contato com as ideias marxistas em 1980, na UERJ, no curso de Filosofia, na disciplina de Antropologia Filosófica. E confesso que fiquei encantado por elas! Mas nunca fui marxista, eu me atrelava mais às ideias existencialistas de Sartre. De lá para cá vão tantos anos. À época o Brasil vivia ainda uma ditadura militar, minhas colegas do curso, que participavam do Diretório Acadêmico, tiveram suas casas invadidas por homens à paisana. Era uma época de intimidação. A oposição e resistência ao regime militar votava no partido de oposição, MDB (Movimento Democrático Brasileiro), depois PMDB. Ali estavam todos os quadros, políticos e lideranças de esquerda, centro-esquerda, liberais, contrários ao partido de sustentação do governo, ARENA – Aliança Renovadora Nacional.

Com o crescimento dos movimentos de oposição à ditadura, o governo Figueiredo avaliou, corretamente, que a manutenção do bipartidarismo ocasionaria um desgaste ainda maior das bases de sustentação política do regime.

A fim de provocar uma divisão no bloco oposicionista, o governo Figueiredo (1979-1985) criou a reforma partidária em 1979, o que levou ao surgimento de vários partidos.

A ARENA e MDB foram extintos. Os políticos governistas criaram o Partido Democrático Social (PDS), enquanto que o MDB se transformou no PMDB. Surgiu também o Partido Democrático Trabalhista (PDT), liderado por [Leonel Brizola](#); o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), composto por uma ala de políticos arenistas menos influentes.

Os partidos comunistas continuaram na ilegalidade. A maior novidade no cenário político-partidário foi o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT). Defendendo uma proposta socialista, o PT se originou (1980) do novo e combatente movimento sindical do ABC paulista, liderado por [Luiz Inácio Lula da Silva](#).

Esse era o cenário político. A explicação dos golpes militares na América Latina (nos anos 1960 e 1970) vem da Guerra Fria (EUA X URSS), entre 1945 (com o fim da 2ª Guerra Mundial) e 1991 (com a dissolução da União Soviética e sua fragmentação em várias repúblicas, Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, etc. - quinze repúblicas). A URSS patrocinava a instalação de regimes socialistas (rumo ao comunismo, como ela mesma – explicarei isso mais adiante) no mundo, principalmente após a descolonização da África e da Ásia, nos anos 1950, 1960 e 1970.

Essa Descolonização aconteceu após a 2ª Guerra Mundial, quando potências industriais europeias (Reino Unido da Grã-Bretanha, França, Alemanha, Bélgica, Itália) ou potências pioneiras das Grandes Navegações no séc. XV (Portugal e Espanha), perderam prestígio e poder e a partir daí perderam suas colônias na África e Ásia, após movimentos emancipacionistas que surgiram nessas colônias.

Esses movimentos emancipacionistas tiveram várias cores ideológicas, tanto de matiz liberal-capitalista como de esquerda socialista. Exemplo: Em Angola se tinha a UNITA – União

pela Independência Total de Angola –, com o apoio dos EUA e MPLA - Movimento Popular pela Libertação de Angola, com o apoio da URSS e de Cuba, já socialista a partir da tomada de poder de Fidel Castro em 1º de janeiro de 1959.

Na Indochina Francesa, repartida em vários países Vietnã, Laos e Camboja, o Vietnã sofreu uma divisão. Após a libertação da França, na batalha de Dien Bien Phu (1954), liderada pelo general Nguyen Giap, braço direito do líder comunista Ho Chi Minh, os EUA conseguiram dividir o país recém-liberto da França, impondo um regime-satélite no sul do Vietnã, liderado pelo nacionalista Ngo Dinh Diem. O Norte se tornou “comunista”, liderado pelo Ho Chi Minh. O país virou dois: Vietnã do Norte, capital Hanói, e Vietnã do Sul, capital Saigon. Só que no vietnã do sul havia um considerável número de simpatizantes dos comunistas e os vietcongs, guerrilheiros comunistas que sabotavam o governo do Vietnã do Sul, pró-Estados Unidos. Os EUA acabaram mandando mais de 500 mil soldados para lá, dos quais 58 mil voltaram em caixões, e milhares ficaram mutilados e viciados, e acabaram perdendo a guerra, com o Vietnã do Norte invadindo e tomando o Vietnã do Sul. Hoje, o Vietnã fez as pazes com os EUA e é um país capitalista – um dos Novos Tigres Asiáticos (Filipinas, Indonésia, Malásia, Tailândia e Vietnã), países que imitaram os Tigres Asiáticos (Hong Kong, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan) que promoveram um desenvolvimento econômico nos anos 1980 através de investimentos estrangeiros, mão de obra barata e disciplinada e isenção de impostos – aliado a investimentos educacionais.

E a Revolução Cubana (1959), que derrubou um ditador pró-Estados Unidos, Fulgencio Batista, e no início dos anos 1960 se alinhou à URSS, representou uma ameaça aos Estados Unidos, que era vista como uma revolução que serviria de modelo para toda a América Latina – Che Guevara, líder auxiliar de Fidel Castro em Cuba, morreu em 1967 na Bolívia, tentando fazer uma revolução naquele país. Então, os Estados Unidos apoiaram governos ditatoriais em vários países da América Latina. Brasil (regime militar com vários generais se revezando no poder, com o apoio de um Congresso amordaçado, e um partido de sustentação (ARENA) e outro de oposição consentida (MDB), Bolívia, Paraguai, Chile, Argentina).

E o marxismo?

Karl Marx (1818-1883), filósofo alemão, desenvolveu suas teorias para explicar a história a partir do Idealismo alemão, do Socialismo francês e do Capitalismo inglês. Vamos por partes.

O Idealismo alemão, cujo expoente máximo é o filósofo Hegel (1770-1831), que, as ideias desse expoente (o hegelismo), poderia ser resumido da seguinte forma: O Real é Racional e o Racional é Real. O Real é explicado então pelo Racional, e o Real tem a seguinte dialética: o Real se desdobra historicamente através de sua contradição interna, assim: Tese – Antítese – Síntese. Afirmção – Contradição – Superação. A realidade se desenvolve gerando sua contradição e esse conflito é resolvido através de uma síntese, que por sua vez, depois, se desenvolverá gerando uma contradição a si e um conflito que se resolverá numa nova síntese, e assim sucessivamente.

Marx vai aplicar isso na história. a história da luta de classes. Mas espere um pouco.

O Socialismo francês se desenvolveu através do pensamento de vários pensadores: Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e o galês

(britânico) Robert Owen (1771-1858). O termo socialismo utópico foi rotulado pelos marxistas, que se arrogaram como defensores do socialismo científico, que seria o socialismo de Marx. O termo utópico vem do livro do inglês Thomas More (1478-1535), que escreveu um livro chamado Utopia (1516), onde narraria na primeira parte a sociedade inglesa de sua época, com suas mazelas, pobreza, desigualdades sociais, exploração, perseguições religiosas, roubos, corrupção. E a segunda parte seria a narração de uma sociedade imaginária, na Ilha Utopia (vocábulo criado por More, de U – nenhum, TOPOS – lugar, “lugar nenhum”). Nessa Ilha não existiria classes sociais, pobreza, corrupção, injustiças, as pessoas teriam tempo para estudar e aprimorar os costumes e a educação. Então utopia passou a ser o sonho da humanidade de construir uma sociedade justa, aqui, neste mundo – diferente da religião que às vezes põe o paraíso num transmundo, num mais-além, numa outra vida. Os socialistas utópicos queriam construir uma sociedade mais humana, sem exploração do homem pelo homem.

O socialista Robert Owen, também ligado ao cooperativismo, enquanto diretor de uma fábrica, reduziu drasticamente a carga horária de seus trabalhadores, de 16 para 10 horas, preocupou-se com a qualidade de vida dos empregados, construindo casas para as famílias dos operários, criou o primeiro jardim-de-infância, estabeleceu lojas onde os operários adquiriam produtos quase a preço de custo, limitou o consumo de bebidas alcoólicas. Nos EUA criou até uma colônia socialista, a New Harmony, que funcionou bem só nos primeiros anos.

O capitalismo inglês do século XIX era extremamente explorador, com operários trabalhando às vezes 16 horas por dia, sem conforto, segurança ou indenização em casos de morte por acidente, demissões discricionárias, sem férias remuneradas ou fim de semana remunerado ou aposentadoria, e ainda sofrendo a concorrência de salários baixos das mulheres e baixíssimos das crianças.

Em vista de tudo isso Marx criou sua teoria, também conhecida como Materialismo Histórico. Para entender o materialismo histórico é preciso aprender primeiro dois conceitos: meios de produção e modos de produção. É assim que eu começo a explicá-lo, há 30 anos! para meus alunos. Meios de produção são os instrumentos utilizados pelos homens para a produção de bens necessários à sociedade. São eles: ferramentas, máquinas, matérias-primas, terras, mão de obra, capital, prédios e instalações etc. Modos de produção são as maneiras de organização desses Meios de produção na história. Assim, segundo Marx, teriam existido 4, para 6 que existiriam: Modo de produção primitivo, Modo de produção escravista, Modo de produção feudal, Modo de produção capitalista, Modo de produção socialista e Modo de produção comunista. O Modo de produção socialista existiu após Marx, e é chamado de Socialismo Real. E o comunismo nunca existiu.

No primeiro Modo de produção, o primitivo, a terra é de todos, todos têm seus meios de produção (ferramentas), a terra é de todos, pois ainda não é uma propriedade privada. A produção é coletiva e a distribuição é igualitária, não existem classes sociais e o Estado ou governo é exercido por anciãos.

No segundo Modo de produção, o escravista, sua origem explica seu modo de ser, e está ligada ao aumento da população e às guerras inter-tribais, onde a tribo vencedora escravizaria a perdedora. O modelo clássico seria as sociedades de Grécia e, principalmente, Roma antiga. Surge a classe dos guerreiros ou proprietários de terra, e a classe dos

trabalhadores, ou escravos. O Estado é controlado pelos donos de terra. É a sociedade de classes: senhor x escravo.

No terceiro Modo de produção, sua origem surge do esfacelamento do Império Romano, onde se expandiu ao máximo o Modo de produção escravista, mas os problemas que daí vieram viram surgir sua contradição (lembra de Hegel: tese, antítese, síntese?) As grandes fazendas de escravos nas províncias do Império Romano viram perder seus trabalhadores graças ao serviço militar obrigatório para proteger as fronteiras do Império das Invasões Germânicas. Os coletores de impostos corruptos também não repassaram impostos ao governo central. Resultado, as invasões bárbaras (germânicas), o empobrecimento das cidades, a ruralização da população que fugiam para o campo, a concentração de fazendas através de venda das fazendas empobrecidas fizeram que houvesse grandes propriedades, que se tornariam os grandes feudos, e quando os germanos chegaram e fragmentaram o Império Romano, seus chefes militares tornaram-se os Senhores feudais e os escravos passaram a ser servos, um pouco mais livres mas com não menos obrigações servis (feudais: trabalhar 3 dias de graça nos lotes do senhor – corveia -, dar parte de sua produção para seu senhor – talha -, pagar taxas pelo uso do forno, moinho, lagar (onde se faz o vinho da uva) – banalidades -, mais o dízimo da Igreja.

E o quarto modo de produção, o capitalismo, como surgiu? Você pode imaginar o surgimento e crescimento do comércio nas cidades medievais. Onde antes, o artesão comprava do comerciante as matérias-primas para a fabricação de seus produtos. O comerciante ia lá onde se fabricava ou se retirava a matéria-prima (couro, algodão, tecido, metais) e levava até onde estava os artesãos (mestre de ofícios, com seus aprendizes). O comerciante começava a acumular capitais. A acumulação de capital é um conceito importantíssimo para o surgimento do capitalismo. desculpa eu frisar: capitalismo vem de capital e quem deter esse instrumento vai poder dispor de todos os outros. De todos os outros meios de produção. então, o artesão vai ficando endividado em relação ao comerciante e este vai ficando cada vez mais rico. Resultado: o comerciante vai acabar contratando o artesão para trabalhar para ele, como mão de obra assalariada. E se antes o artesão era dono de seu produto, que ele vendia ao comerciante para este vender numa feira (cidade importante). Agora, que o artesão trabalha para o comerciante, que passou a se chamar capitalista, o artesão vai passar a se chamar trabalhador assalariado, ou proletário, e não vai ser mais dono de seu produto. O capitalista vai explorar o trabalhador, pagando cada vez menos. É aí que está o seu lucro, que Marx vai chamar de “Mehrwert” (“Mais-Valia”), o valor a mais que o trabalhador produziu e que não faz parte do seu salário, mas vai ficar retido para o capitalista. Você pode diferenciar na produção dois conceitos: capital variável e capital invariável. Capital invariável ou fixo é o capital investido em máquinas, ferramentas, matéria-prima, esse não dá quase nenhum lucro! Capital variável é o dinheiro ou capital investido em mão de obra, esse varia de acordo com as leis de mercado. Quanto mais trabalhador e menos emprego o salário cai, o lucro aumenta. E se o trabalhador trabalhar mais horas, e for mais ágil e trabalhar por dois (com novas máquinas), por três, quatro. O lucro aumenta! Bela dedução! Isso é capitalismo. Sempre ensinei isso aos meus alunos: “se você tem uma barraquinha de cachorro quente você não é capitalista, mas se você explora um trabalhador, aí, sim, você é capitalista. Mas tem que ter capital. Por isso, se você amealhar uma pequena fortuna, guardando metade de seu salário durante dez anos, poderá montar seu negócio e ser um capitalista. Lembre-se, como disse John Maynard Keynes, economista inglês, ‘O capitalista ganha o que gasta, o trabalhador gasta o que ganha’.”

E o socialismo, como surgiu? Segundo Marx, contemplando a sociedade inglesa, a exploração capitalista, a concentração de riquezas nas mãos de poucos capitalistas, e a imensa maioria de proletários, cada vez mais na miséria, os trabalhadores se organizarão em partidos – os sindicatos - as “Trade-Unions” - fizeram isso por categoria e vão ter suas formas de luta por melhorias de condições de trabalho, redução de carga horária e salários – esses desesperançados sem nada a perder farão a Revolução, expropriarão os capitalistas dos Meios de produção e estatizarão todos os Meios de produção, fábricas e tudo o mais passarão a ser geridos por representantes dos trabalhadores. É a Ditadura do Proletariado que tentará extirpar todos os vestígios de classes sociais e da burguesia até o advento do Comunismo. O Estado ainda existirá, controlando a Revolução, onde o lema será “de cada um de acordo com a sua capacidade e a cada um de acordo com a sua necessidade”.

Quando toda a sociedade evoluísse e a riqueza se tornasse coletiva o homem, sacrificado no presente, construiria a sociedade perfeita no futuro, sem exploração.

Assim, se o capitalismo tem uma produção visando o lucro, o socialismo tem a produção visando o bem-estar social, se o capitalismo prima pela liberdade, o socialismo valorizaria mais a segurança, se o capitalismo tem como princípio que todos os homens são diferentes, de acordo com sua capacidade, empreendedorismo e iniciativa, o socialismo vai afirmar que em essência os homens são iguais. Se o mercado – composto de três partes: produção, preço e salário – é livre no capitalismo, no socialismo o mercado é controlado. No socialismo se deve ter uma produção voltada mais para o coletivo e não individualismo (ex. conjuntos habitacionais e não mansões luxuosas, trens e metrô e não ferraris, porches), os preços serão livres no capitalismo e controlados no socialismo, os salários, idem.

O socialismo real, o aplicado primeiramente na URSS (União Soviética), tornou-se um peso para a sociedade. Concorrendo com o Bloco Capitalista, produzindo armas, ogivas nucleares, submarinos nucleares, a corrida armamentista, desviou volumosos recursos do conforto dos cidadãos na sociedade para drená-los para os gastos estatais com a segurança, que quando Nikita Krushev visitou os EUA em 1959 sentiu que a sua sociedade jamais produziria aqueles bens de consumo norte-americanos.

A União Soviética sofria nas filas intermináveis, nos “talões” de racionamento, na falta de alimentos, que faz lembrar a Cuba de hoje ou a Venezuela bolivariana. Filas e racionamento que a Nomenclatura estava livre.

**A Nomenclatura** era como se designava a "burocracia", ou "casta dirigente" da União Soviética. Ela incluía altos funcionários do [Partido Comunista da União Soviética](#) e trabalhadores com cargos técnicos, artistas e outras pessoas que gozavam da simpatia do Partido Comunista. Na verdade, os membros da "nomenklatura" eram, em sua esmagadora maioria, filiados ao Partido Comunista da União Soviética e gozavam de inúmeros privilégios e vantagens inacessíveis para o restante da população do país.

Basta ver o filme “Retorno a Ítaca”, de Laurent Cantet (2014), que retrata a realidade atual cubana. Velhos revolucionários desiludidos, uma dentista, um escritor perseguido, um engenheiro eletricitista que queima as mãos para consertar baterias e assim ganhar migalhas além da cota salarial imposto pelo regime, um pintor, todos se reúnem com um membro do

Partido, corrupto, que traz whisky importado, casaco de couro e outros bens do capitalismo, e repensam seus sonhos e frustrações individuais e coletivos, para ver que o socialismo não é tão perfeito assim.

O capitalismo, esse se adapta sempre e venceu a disputa com o socialismo na Guerra Fria. Desde a transformação de terras e mão de obra em mercadoria, a partir do capitalismo industrial, conforme descreve Karl Polanyi, no seu clássico “A Grande Transformação”, o capitalismo sobrevive a todas as circunstâncias e situações. E adapta-se aos sonhos individuais.

Como disse o Ministro do Interior da ex-Alemanha Oriental (na verdade, oficialmente chamada pomposamente de República Democrática Alemã), após o fim do socialismo real, com a queda do Muro de Berlin, e a Reunificação da Alemanha, em 1989, “O socialismo coletiviza os bens e privatiza os sonhos, enquanto o capitalismo coletiviza os sonhos e privatiza os bens”. No capitalismo, os pobres sempre vão sonhar e por isso são felizes, enquanto no socialismo, só os membros do Partido Comunista poderiam sonhar, e os bens socializados eram conjuntos habitacionais coletivos e empregos em fábricas ou fazendas coletivizadas, com rendimentos básicos.

Quem me disse isso foi o professor Leonardo Boff, na disciplina Ética, Cultura e Sociedade, no curso de Mestrado que eu cursava na UERJ, nos anos 1990.

Antes do capitalismo, as sociedades funcionavam em função da força de guerreiros ou da fé numa religião que, segundo Émile Durkheim (“Formas Elementares da Vida Religiosa”), tem o coletivo plasmado na adoração do tótem. Esses dois aspectos mantêm a unidade coletiva, a sociedade unida. O que Marx chamaria de superestrutura, a política e a religião, enquanto a infra-estrutura seria a parte econômica, o Modo de produção que dispõe da produção de bens.

O que foi o domínio social através da força ou da fé, hoje, com o capitalismo, é o domínio através da produção, da distribuição, do consumo, e o capital manipula a política, os instrumentos de domínio, as ideologias políticas, religiosas.

E o Brasil nisso tudo?

O Brasil, ex-colônia portuguesa, colônia de exploração, à base de “plantations” (grandes propriedades, com mão de obra escrava, produção monocultora e voltada para a exportação) e com economias auxiliares paralelas voltadas para o apoio a esses grandes ciclos produtivos: cana-de-açúcar, no Nordeste; ouro, no Centro-oeste; café, no Sudeste, com sua produção pequena de rebanhos de gado, charque, equinos, muaras, algodão, etc., esteve sempre atrelado às divisões internacionais da produção mundial e submetido à economia inglesa no século XIX e norte-americana e europeia no século XX. Como as ideias socialistas e as reformas sociais se deram aqui?

Um país que no passado era um território português além-mar (outra denominação para Colônia), pode muito bem ser comparado ao Japão feudal dos Senhores de terras (Daimyos), auxiliados pelos samurais, que no Brasil seriam os jagunços. Aqueles dominaram até o século XIX, estes até o século XX. Aqui os grandes senhores de engenho do Brasil-Colônia tornaram-se “coronéis” da Guarda Nacional, no século XIX e persistiram até o século XX. Ambos

países rurais, de atividade agrícola, até que no século XIX, o Japão foi violentado em sua natureza pelo Comodoro Perry, em 1853, que aportou perto de Edo (na moderna Baía de Tóquio) para obrigar este país oriental a assinar um tratado comercial. O Japão teve que comprar os produtos norte-americanos. O novo imperador do Japão, Mutsuhito, assumiu o trono em 1867, com 14 anos de idade e em 1868, com seus conselheiros, acabou com o xogunato, o poder dos xoguns – xogum era o daimyo mais poderoso que governava o Japão, deixando o imperador como mera figura decorativa. O último xogun Tokugawa renunciou ao poder e o império foi restaurado. Mutsuhito, para enfrentar a concorrência desleal dos produtos norte-americanos, modernizou o país, enviou missões ao estrangeiro para aprender as novas tecnologias industriais, centralizou a administração pública e a intervenção do Estado na economia e preparou o Japão para o capitalismo. Criou universidades, e por fim surgiram os zaibatsus, grandes conglomerados empresariais originados dos clãs familiares, como a Mitsubishi, a Mitsui, a Sumitomo, a Yasuda, que passaram a dominar a economia japonesa em todos os setores, da indústria ao comércio, às finanças.

Enquanto isso, nos trópicos, nosso primeiro imperador suave para impor a unidade territorial à custa de empréstimos estrangeiros e com ajuda de mercenários estrangeiros. Nosso segundo imperador, homem moderno e letrado, não tinha muita vocação para governar, deixando-se dominar pelos barões do café, e mesmo tendo o denodo empresarial do Barão de Mauá, nosso proto-industrial, banqueiro, o país soçobrou frente à concorrência britânica, seu estaleiro foi incendiado! Perdemos a oportunidade de nos modernizar. E continuamos agrícola, até o século XX.

Veio a República café com leite, com os representantes das elites paulistas e mineiras se revezando no poder, com o “voto de cabresto”, com os currais eleitorais, com as eleições fraudulentas. As elites, como na época do império - liberais e conservadores (luzias e saquaremas) – em essência não se diferenciavam, só regionalmente.

Depois veio Vargas, uma tentativa de industrialização com autonomia nacional, que teve a oposição dos “entreguistas”, aqueles que estavam ligados ao capital estrangeiro com suas remessas de lucro para fora (para suas matrizes), modelo que sairia vitorioso com JK que inundou o país de marcas estrangeiras, Ford, Volkswagen, Chrysler, General Motors, Volvo etc.

Mas o país tinha uma indústria incipiente, e os problemas sociais, as desigualdades sociais se avolumaram, com a urbanização da população a partir de JK, com o Eixo Rio-São Paulo canalizando o êxodo rural, com o crescimento das favelas, com o crescimento da delinquência urbana.

Veio então o Jango, com as Reformas de Base e aquela primeira parte do texto consegue explicar: a Guerra Fria, a Revolução Cubana, o medo das elites e da pequena classe média de uma revolução comunista no Brasil descambaram para o Regime Militar.

Mas, e nossa vocação para o desenvolvimento econômico e social? Com governos corruptos que mistura o público e o privado, e só pensa em tirar vantagens imediatas para depredar o bem público em proveito próprio, e uma população avessa à disciplina, às normas, às leis, às regras – bem longe da disciplina oriental -, que é espelho dos governos oportunistas, com contratos superfaturados para financiar campanhas eleitorais, com empresários que

roubam suas próprias empresas pensando apenas em obter vantagens e aumentar seus patrimônios particulares, patrimonialismo que existe na política, em que se visa ocupar cargos públicos para enriquecer interesses particulares, estamos longe dela!

O Brasil pode ser explicado pela teoria do Patrimonialismo que, segundo Max Weber, o aparelho do Estado funciona como uma extensão do poder do soberano, de modo que a separação entre assuntos públicos e privados, entre patrimônio público e privado desaparece. O quadro administrativo é constituído de dependentes pessoais do governo – familiares ou agregados, amigos, pessoas ligadas a ele através de vínculos de fidelidade e troca de favores.

Em Portugal , tal foi a forma de governo, como mostra Raymundo Faoro, no seu clássico “Os donos do poder”. E o Brasil copiou esse modelo a partir da colonização, no império e na república.

E mais, os partidos de esquerda no Brasil têm uma versão perversa desse patrimonialismo: eles usam o Estado, que promete benefícios sociais, mas transfere rendas a sindicatos, militantes, simpatizantes, ao partido e membros do partido, à classe artística de ideologia esquerdista, a empresários ligados ao partido e correlegionários afins, mas nunca pensam no bem público, na república. Chegam até a transferir recursos para simpatizantes estrangeiros, de países de governo com ideologias afins, caso no Brasil recente de ajuda e subsídios a governos de esquerda como Cuba, Venezuela, Bolívia.

Mas, dentro de uma economia capitalista, os recursos desviados para bancar programas sociais são obtidos de setores frágeis que não podem se defender dos confiscos, a Baixa Classe Média, nunca das grandes fortunas, dos banqueiros, dos setores ricos da sociedade, que têm instrumentos para se defenderem e derrubarem qualquer governo indesejável.

O que não se fala, então, no Brasil? Que deveríamos pensar em trabalhar mais para enriquecer, estudar mais para ter um bom trabalho, pensar menos no governo como solução, ter um Estado menos avassalador, visto que o dinheiro dos impostos são mais desviados que investidos no bem-estar social, e que as empresas têm mais custo do que podem suportar. Parece um programa liberal? Não. Mas um programa que não confia num governo que é usado mais para interesses particulares que gerais.

A ÚNICA UNANIMIDADE NO BRASIL (QUE É BURRA SEGUNDO NELSON RODRIGUES) É TER O GOVERNO COMO SOLUÇÃO! SEJA PARA SE APROPRIAR DELE, SEJA PARA SE UTILIZAR DELE, COMO GESTOR OU COMO DISTRIBUIDOR DE BENESSES, INCLUSO OS CABIDES DE EMPREGOS, TEMPORÁRIOS OU COM ESTABILIDADE.

---

(1) Professor de Filosofia e História da Rede Pública.

Com graduação em filosofia, pós-graduação em história e mestrado em filosofia.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 2016.